

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 961	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	a entrega		
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	—	\$9.50	10 DE SETEMBRO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



DR. ANTONIO CABRAL

Chronica Occidental

Mais d'uma vez, resumindo n'estas chronicas os factos mais notaveis decorridos em dez dias, e, sobretudo ultimamente, quando russos e japonezes nos forneciam assumpto medonho de encarniçadas luctas, elogiámos a tranquillidade da nossa terra, e, depois de lamentarmos feridos e mortos, os olhos, que se haviam horrorizado, os descançamos em doces quadros da bemdita paz com que nos favorecera o céo.

Entre russos e japonezes a paz assignou-se finalmente, e a gloria do Presidente Roosevelt não é menor que a dos mais famosos generaes e almirantes que na guerra finda alcançaram celebridade universal. Dentro em pouco, é de esperar, acabadas certas paixões, reinará a tranquillidade no extremo oriente, os arados revolverão a terra endurecida que tanto sangue bebeu, e a campanha

com que abriu o seculo xx haverá passado á historia.

Nós é que não temos tranquillidade agora. Não é que as luctas de que teem sido campo as camaras dos pares e dos deputados se possam comparar com as grandes batalhas na Mandchuria, nem o sr. José Luciano com o Czar, nem o sr. Alpoim com o Imperador do Japão; mas emfim, para nós, que andamos costumados ao ramerrão, os ultimos acontecimentos politicos e o ribombar dos muros sobre as carteiras, já são factos memoraveis, dignos de em chronicas ficarem para todo o sempre archivados.

Rarissimos problemas politicos, n'estes ultimos quarenta e tantos annos, souberam assim commover a opinião publica e foram mais discutidos do que este assumpto dos tabacos, tratado pelos melhores oradores e homens mais em evidencia de todos os partidos.

E ainda agora, diz-se, vai a procissão na rua!

Passará, não passará? Máos bocados tem passado o ministerio, que quer aquella ultima virgula — passará, virgula — mudar n'um ponto final definitivo.

Nem o dia de maior e mais incommodo calor, um céo baixo, pesado, ennevoado, puderam quebrar a força nervosa das opposições. O ataque continuou com a mesma intensidade, pela bocca dos oradores e pela penna dos jornalistas.

Quem da terra, n'esse dia, quizesse distrahir seus olhos, encontrava um céo cõr de chumbo e cõr de fuligem, tão capaz de lhe dar idéas negras como as lamentações dos Jeremias sobre o abysmo para onde vamos descendo.

O céo tambem não tem sido, alguns dias, de rara condescendencia connosco. Por um triz não prego grossa partida aos astronomicos que, de muitos pontos do globo, foram armar suas barracas em Burgos para assistir ao eclipse do dia 30 de agosto. Não ganharam para o susto. Os aspirantes de marinha, que, na corveta *Duque da Terceira*, foram até ás Baleares para observar o phenomeno, tiveram ainda maior razão de queixa, porque as nuvens foram desastrosamente teimosas, encobrindo o sol justamente no melhor momento.

Em Lisboa houve muita gente que enegreceu a ponta do nariz olhando para o sol atravez dos vidros fumados. Apesar do tempo não se ter portado como devia, favorecendo as experiencias, o illustre director do observatorio da Tapada, vice-almirante sr. Campos Rodrigues, que é dos mais notaveis homens de sciencia da nossa terra, poude realizar numerosas experiencias.

Logo que o eclipse terminou, poz-se o céo de belleza incomparavel. No azul intenso, já um pouco outomniço pela doçura, o sol brilhava esplendido, a rir-se, talvez de surriada.

Então sim, podia olhar-se para elle, podia a gente distrahir-se, contemplando o azul, de tantos crimes, de tantas desgraças que vão por esse mundo.

Dos primeiros foi o maior o attentado de Barcelona. A explosão da bomba matou duas pessoas e feriu quarenta e quatro mais ou menos gravemente.

A policia ainda não conseguiu deitar mão ao criminoso, apesar de todas as diligencias que tem empregado. As prisões feitas não tem sido mantidas e os protestos continuam. As victimas do attentado, duas pobres raparigas, foi-lhes feito um enterro commovente, em que se accentuou o protesto da população.

Pobres pequenas! Ao menos, os dois homens que horrorosamente foram mutilados em Vendas Novas pela explosão d'uma granada, se não tiveram a gloria de derramar o sangue em defeza do seu paiz, fizeram-o em serviço que lhes competia, victimas d'um acaso ou talvez d'uma imprudencia.

Julgando que era sucata o que, n'uma carroça alemtejana, era transportado para o caes do caminho de ferro, longe se cuidava da morte o tenente Jayme Augusto Teixeira Nepomuceno. Uma granada, que não rebentára no polygno, fez n'esse momento explosão. A morte foi instantanea. Parte da cabeça, com o bonnet, foi parar a mais de cincoenta metros de distancia. O carreiro foi conduzido ao hospital de Montemor, onde logo lhe amputaram um pé.

E não pararam aqui as desgraças.

Date Lilia! Todos os amigos de Balhão Pato a conheciam e quantos se enterneceram quando o glorioso velho, de grandes barbas como neve, passava encostado ao braço da Elisa tão gentil! Parecia que ella o amparava, ella que lhe devia tudo, que elle fõra buscar pequenina para sua

casa, que elle amava com uma ternura de pae. Como era linda e que doce calor seus olhos como dois soes vertiam no coração do poeta! A morte andava espreitando-a. Um engano, uma inadvertencia fel-a levar um veneno mortal aos labios que se abriam em risos, como flor ao sol, para a aurora da vida. Morreu em meio de horribes soffrimentos. As suas ultimas dôres foram decerto as dôres primeiras. Dezasete annos!

Deus proteja o Bulhão Pato, nosso querido amigo.

Ha d'estas tragedias assim, que constantemente se passam ao nosso lado, pelas quaes não dá o mundo indifferente, mas que esmigalham corações sensiveis. Outras são discutidas, interessam um paiz, ás vezes o mundo inteiro. E tambem essas caem finalmente no olvido.

Esteve ha quatro dias no porto de Lisboa, de passagem para o Brazil, o Dr. Urbino de Freitas, que, accusado ha annos de haver assassinado umas crianças suas parentes, foi agora indultado, sob condição de não habitar terras de Portugal. Medico illustre vaia caminho de S. Paulo, esperando que a sorte o proteja. Seu processo foi dos mais volumosos; incidentes se deram que parecem de romance fantastico; entretanto as duvidas da criminalidade de Urbino subsistiram em muitos, e, se elle era devêras innocente, ainda foi maior a tragedia.

Quem pôde durante muito tempo demorar o espirito n'estas paginas negras? Chorem muitos muitas lagrimas desesperadas, muitos entes haverá que na mesma hora hão de rir ao sol que se ergue espalhando vida! Os necrologios não impedem, na mesma pagina do jornal, a descripção das festas, festas de elegantes nos clubs, festas do povo em romarias e cirios. Nas mais aristocraticas praias e thermas e nas mais reconditas aldeias, tudo são alegrias.

Foi na Atalaia e no Senhor da Serra que n'estes ultimos dias mais se manifestou a alegria do nosso povo. Os que não foram, contentaram-se com ver no Terreiro do Paço a chegada das faluas embandeiradas, ou com esperar por essas estradas a passagem dos carros enfeitados com flores e canas verdes. Na Atalaia os festeiros fartaram-se de rir, cantar, dançar. Foram á fonte milagrosa e fizeram no templo suas devoções. Para Bellas, só nas estações de caminho de ferro, no domingo, foram vendidos quarenta mil bilhetes. E não houve uma desordem e beberam-se onze mil litros de vinho!

Tambem os devotos de Santo Huberto já podem folgar por esses campos. Telegrammas do Ribatejo contam africanos dos caçadores. As perdizes, as rolas e os coelhos é que não andam satisfeitos.

São mais divertidas agora as villasitas de provincia do que a propria Lisboa, redusida á feira de Belem, quando queira espalhar um bocadinho o bofe.

Muitas companhias portuguezas, organizadas quasi todas um bocadinho ao acaso, andam actualmente com variada sorte, percorrendo as provincias. Quando não tragam dinheiro, o que nunca lhes falta é boas historias para contar. Lembram as antigas farandulas, que, nos seus carros, com scenarios muito redusidos, andavam antigamente, de terra em terra, representando Gil Vicente, o Chiado e Camões.

Os caminhos de ferro foram-lhes, diminuindo, pouco a pouco, as probabilidades de aventuras e surpresas, mas, de ha poucos annos, quem as soubesse contar faria um livro interessante d'essas viagens, aneddotas, ditos, resoluções de ultima hora, desesperos e victorias. Só o pae Gil, á sua conta, dava muitas paginas interessantes. Era Salvador Marques, que ha muitos annos conhece palcos, quem facilmente escreveria esse livro, porque tem uma grande collecção de historias e sabe contal-as com muitissima graça.

Quanto a theatros de Lisboa pouco ha a accrestar ao já sabido. Susanna Desprez deve visitar-nos em dezembro. Da ultima vez que esteve entre nós offuscou bastante a gloria do Antoine; muitos collocaram-a n'um plano só inferior ao da Duse. Boas noites de arte vamos ter portanto, de que bem precisados andamos.

JOÃO DA CAMARA

DR. ANTONIO CABRAL

Pela primeira vez que o vi foi na Camara Electiva.

Deputado da esquerda, verberava elle, com calor e convicção, o proceder faccioso de uma autoridade sertaneja, que, roida de velho odio rural e de trica provincianamente partidaria, effectuara a injusta prisão de um trunfo do seu

partido, do partido d'elle orador, do partido progressista, por occasião das ultimas eleições.

Nas bancadas agitadas da opposição a sua figura alta, morena, correcta, inflexivel, pronunciadamente peninsular, de bigode insolente em fôrquilha a Guilherme II, de olhos amplos e espressivos, picados de uma vivacidade penetrante furando como uma verruma d'aço em madeira molle, de linha cortez e fidalga, de porte elegante e sympathico, de um aprumo viril e massivo de rija tempera de metal, onde uma energia se entumece e uma sinceridade fere lume! aquella sua insinuante figura tinha n'esse momento alguma coisa de excepcional e bizarro, de magestoso e imponente — a grande força dominadora da verdade!

E' que a verdade tem azas, como a justiça tem pulsos de bronze.

Expelida por uma sinceridade impulsionante, arrebatada em catadupas da mais vigorosa eloquencia, a sua palavra facil, quente, espontanea, brunida, penetrante, profunda, incisiva, tinha a luminosidade faiscante, o retenir metallico d'uma batalha onde cruzassem espadas!

Aquelle proceder servilmente cobarde e cobardemente despotico em detrimento de um homem honesto e bom, por todos respeitado como um caracter e por todos amado como um coração, poz naturalmente na alma tersa do digno representante do povo laivos profundos de revolta; d'ahi o seu appello generoso ao presidente do conselho de ministros, d'ahi o seu protesto vehemente contra uma arbitrariedade, contra um despotismo.

Louvavel alma! Generoso coração!

O valor elevado e exacto da sua grande importancia politica e parlamentar bem podia n'esse instante aquilatar-se, medindo a particular e profunda attenção com que o sr. presidente do conselho de ministros o distinguia seguindo-o no seu brilhante discurso, prometendo tomar na devida e especial consideração o appello a elle feito, e felicitando-o finalmente pela nova manifestação do seu alto parlamentarismo.

A Camara toda ouvia-o com interesse; os seus partidarios applaudiam-no com enthusiasmo; nas galerias havia um rumor de admiração e de sympathia.

O sr. Antonio Cabral é um moço de intelligencia clara e lucida, de cerebração resistente ás fadigas do trabalho e acessivel ás faceis digestões das gulosidades do estudo, seguindo a ciencia, quer economica, quer social, quer administrativa, quer financeira, na sua rota evolutiva atravez da modalidade dos factos e adaptações praticas, como quem vae pisando, passo a passo, serenamente, conscientemente, um terreno do seu já velho conhecimento, sabendo bem, n'um dado momento da sua longa e complicada travessia, onde se encontra.

O sr. Antonio Cabral sabe orientar-se. E' um talento malleavel amoldando-se facilmente a novas formas.

Os seus velhos principios tão humanos e inalaveis, solidamente enraizados a dentro da sua consciencia e sob a acção directa do seu recto criterio, postos ao serviço da moderna ideia, da ideia do seu tempo, da ideia d'hoje, elle sabe bem medir n'um dado instante o grau da sua responsabilidade de homem publico perante a situação do seu paiz, do paiz que elle ama e idolatra como verdadeiro portuguez.

Homem moço, homem da sociedade e do mundanismo, mas ao mesmo tempo homem publico, escravo das suas responsabilidades, dos seus deveres, elle tanto se preoccupa com o talho do seu frak e a côr da sua luva como com os novos problemas administrativos Com a mesma correcção e firmeza com que friza a guia do seu bigode e dá o nó da sua gravata, de manhã, ao espelho, para sair á rua, com a mesma firmeza e correcção resolve um ponto intrincado d'uma questão, á noite, á banca do trabalho, para no dia seguinte o discutir no Parlamento. Quem o vê á porta da Havaneza, ao alto do Chiado, fulminando com o seu monoculo uma dama que passa, pôde vê-lo na Camara dos Deputados, do alto da sua tribuna, fulminando com um ápate um adversario que discursa.

Ao contrario do Fontes, homem positivo e frio, de temperamento glacial de inesthetia, avesso portanto a toda a manifestação artistica e literaria, o sr. Antonio Cabral, embora não seja um cultivador da arte e da literatura, é contudo, n'um grau elevado de nervotico sentimentalista, um moço d'alma vibratil e coração apaixonado — sabe sentir e sabe amar. E para ser grande em alguma coisa é necessario que se seja grande na alma e grande no coração.

Figura proeminente do seu partido, apontada a dedo na politica portugueza com geral sympha-

thia, elle está naturalmente indigitado para futuro ministro, nem d'outra forma se explica os altos cargos de confiança partidaria e pessoal com que o sr. presidente do conselho de ministros o distinguuiu investindo-o na chefia do seu gabinete e confiando-lhe da missão honrosa de *leader* da maioria.

Mas terá o sr. dr. Antonio Cabral predicados necessarios para um homem d'Estado? Tem-os de facto.

Anthero dizia: — «Digam o que disserem, o caracter é metade do talento». Washington dizia tambem: — «A probidade é a melhor politica». Catão definiu ao seu filho assim um orador politico: — «Um homem de bem que sabe falar».

Eis umas grandes verdades que devem antes de tudo servir de pedra de toque na critica d'um homem publico. E são ellas perfeitamente applicaveis no nosso caso, porque o sr. Antonio Cabral, sobre ser um homem de intelligencia e d'acção, é, sobre tudo, acima de tudo, um homem de bem.

Dizia-nos d'uma vez o digno par sr. Francisco José Machado — o celebre capitão Machado — referindo-se ao sr. Antonio Cabral: — «Bello rapaz, bello camarada, leal amigo! Aquelle, se tiver saude, tem um brilhante futuro; e merece-o».

Ainda ha pouco o illustre parlamentar e distincto poeta sr. Queiroz Ribeiro, dissidente embora á actual situação progressista, não regateava comtudo justiça ao lidimo talento do sr. Cabral, exprimindo-se d'esta maneira n'um discurso de replica ao Governo: — «O sr. dr. Antonio Cabral, com aquella eloquencia persuasiva que todos lhe reconhecemos e que tão bem caracteriza a sua distincta individualidade parlamentar, etc».

Eu não aquilatarei de certo o sr. Cabral, como não aquilatarei nenhum politico portuguez, pela bitola pouco exequível do grande professor e estadista francez Foncin que, conseguindo medir a estatura d'um Turgot, diz que um homem de Estado deve abranger tudo, attingindo as culminancias d'um genio, d'um Deus, omnisciente e omnipotente, criador e salvador, justiceiro e misericordioso, cheio de bondade e cheio de fel!

E' demais!
Não, o sr. Cabral não é ainda uma summidade assim, nem mesmo outra nós deparamos na politica indigena do nosso tempo.

Para melhor acentuarmos a personalidade politica do sr. Antonio Cabral basta apontarmos, como simples pano d'amostra, apenas dois factos caracteristicamente edificantes:

D'uma vez, estando o auctor d'estas modestissimas linhas no gabinete da actual presidencia do conselho de ministros, o sr. Cabral, chefe do mesmo gabinete, para resolver um caso de nomeação posto sob o seu *veredictum* por um governador civil, caso em que figuravam dois pretendentes de partidos oppostos, um progressista outro regenerador, á espera da mesma fatia, o sr. Cabral lançou sem hesitação, apenas consultado, esta profunda phrase rara n'um politico: — «Côrte direito».

D'outra vez, na Camara Baixa, estando prestes, por um conflicto momentaneo proveniente de futeis caprichos partidarios, pretestos vãos de rabulice politica, a ser interrompida a sessão, e ficando como que suspensa e hesitante d'uma resolução a attitude da mesa presidencial sem saber o que fazer, o sr. Cabral, energico e expedito, mandou para a presidencia este reforço: — «Vamos para diante».

Ora o *côrte direito* e o *vamos para diante* assim atirados com a mais rapida sinceridade, com a mais profunda convicção, naturalmente, sem calculos prévios, sem exterioridades de *armar ao effeito*, gravam fundo, n'um meio moralmente corrupto e deprimente, e materialmente molle e poltrao, que diabo! uma individualidade, altamente sympathica e cheia de esperanza.

Incontestavelmente constituem dois symbolos: o da rectidão ou o da justiça, e o da energia ou o da actividade. Dois pollos galvanicos á volta dos quaes deve girar toda a entidade d'um homem de Estado intelligente e sabedor; dois marcos poderosos dentro dos quaes deve concentrar toda a vitalidade de um homem publico.

E' necessario que a virtude e a rectidão de um Montesquieu se allie com a energia e a concisão de um Tacito.

Ha pessoas que tem um condão magico de sympathia — attrahem e prendem! Instinctivamente, naturalmente abeiramo-nos d'ellas, e nos sentimos bem ao seu lado. Antonio Cabral é uma d'essas encantadoras individualidades. Aproximae-vos d'elle, e sereis logo seus amigos; conheci-o

bastante, e admirar-o-heis; privae com elle, e o estimareis com singular affecto!

Baila-lhe nos labios um eterno sorriso de franqueza; baila-lhe nos olhos uma eterna alvorada de bondade.

Um dos seus ultimos discursos, proferidos, ha dias apenas, como *leader* da maioria da Camara Electiva, revela bem nitido a um tempo a fina estrutura moral da sua individualidade politica e os melindres cristalinos do seu amplo espirito de eleição. Ao pronunciá-lo, como que torcendo a boca n'um *ictus* amargo, fendendo a alma, bipartindo o coração, o orador deve ter experimentado um momento horrivelmente angustioso da vida difficil d'um homem publico que abre caminho directo, afastando o mattagal espesso de benesses e conveniencias, entre dois deveres qual d'elles mais sagrado — o dever de amizade e o de gratidão.

Eis uma ligeira amostra:

«E' difficil e embaraçosa a minha situação, doloroso o momento em que o revelo.

«Se por um lado tenho amizades profundas que não renego, laços sagrados que não despedaço, recordações de juventude, gratas recordações que jámais olvidarei, não posso comtudo deixar de apoiar o Governo em que deposito a minha confiança de politico apaixonado.

«Tenho recebido do meu chefe, do chefe do meu partido as mais captivantes provas de sympathia e de estima; seria um ingrato se não viesse com a minha palavra insignificante apoiá-lo com dedicação.

«Encontro-me frente a frente, rosto a rosto, com o meu dever; que me importa suffocar o meu coração e esmagar os meus sentimentos mais gratos para seguir o caminho recto da minha consciencia!

«Impulsivo por temperamento, apaixonado por convicção, defendendo sempre o meu partido, amando-o muitissimo, vejo com immensa máguia, com profunda dor o triste espectáculo da desunião que lavra dentro do meu partido, minando-o, esfazeland-o, esfarrapando-o!

«Ai de mim que tantas vezes, orgulhoso e ovante, bradei bem alto a solidariedade e a união do partido progressista, tão nobre, tão liberal, tão historico, tão forte! E fizera-o rindo com enthusiasmo, com convicção!

«Mas tenho esperança em Deus que a guerra civil terminará breve, e irmãos na crença politica, commungando a mesma hostia do idial do velho sacrario partidario, voltarão a ser amigos no coração, amigos leaes e inseparaveis. Tenho muita fé em Deus».

Posteriormente, d'um outro discurso:

«Já disse ainda outro dia que essas dissidencias produzidas pela questão dos tabacos me feriam profundamente, a ponto de ter de chorar lagrimas de sangue ao ver desunidos os meus companheiros nas luctas d'hontem.

«Não ataquei a commissão de fazenda pois tenho n'ella amigos; o que desejo é que, no mais curto prazo de tempo, se liquide o assumpto, e peço á commissão de fazenda que se apresse a apresentar o seu parecer. Sim, quero que isto se acabe depressa a ver se tudo volta aos seus tempos antigos — de paz e de harmonia».

Que magnanimo coração e que sublime caracter!

O sr. Dr. Antonio Cabral—oriundo de uma fidalga familia solarenga de linhagem antiga d'uma pitoresca terra do fecundo Douro—é bacharel em direito e sub-director da Penitenciaria de Lisboa, e não erraria de certo quem fosse afirmar que elle nos seus bellos tempos de Coimbra vageava, sob os sineiras do Mondego, em noites de lua-cheia, de capa ao hombro e de cabelo ao vento, como um *revoltado intellectual*, parafuzando problemas transcendentes d'um Hegel ou declamando versos nevroticos d'um Beaudelaire, emquanto outros camaradas seus, os *estudiosos*, os *queridos dos lentes* queimavam pestanas sobre as *sebentas* d'um Pedro ou d'um Bernardo á luz morticã d'um candieiro de tres bicos tresandando a mortão.

Como sub-director da Penitenciaria vêmo-lo apenas á altura do elevado cargo em que o investiram.

Como chefe do gabinete da presidencia do conselho de ministros, como *leader* da maioria da

Camara dos Deputados — cargos da maxima confiança e particular dedicação — repetimos, devemos ver n'elle um futuro ministro com a vontade suprema — louvavel vontade! — de bem servir o seu paiz.

MARIANO GRACIAS

Depois de Waterloo — Na Ilha d'Aix

(Para Manuel de Macedo)

(Concluido do n.º 960)

Os officiaes inglezes que estiveram relacionados com Napoleão, durante a travessia de França para Inglaterra, foram todos accordes em dizer que se a entrevista que elle pedira ao regente lhe fôra concedida, os factos que se deram teriam sido bem differentes, pois não duvidavam de que o principe inglez teria soffrido, com todos, o encanto d'esta natureza dominadora.

No entanto o *Jornal dos Debates*, em Paris, dava estas mentirosas noticias: «Bonaparte julgava no *Bellerophon* que ia receber ainda as honras da sua antiga posição. O capitão fel-o entrar para um camarote d'official e collocou-lhe duas sentinellas a vista. Foram lá encontrá-lo d'ahi a pouco banhado em lagrimas. Quando o correio partiu de Londres já elle estava instalado no forte de S. Jorge ao norte d'Edimburgo».

Na tarde do dia 15 recebeu Napoleão a visita do contralmirante Hotham, que commandava a esquadra ingleza nas costas de França, e de todo seu estado maior. Um d'esses officiaes, Sir Humphrey Senhouse, dizia em cartas escriptas a sua mulher: «Fomos recebidos pelo ex-imperador com toda a sua antiga dignidade e todos nos conservamos de pé. Em todas as circumstancias elle representa a sua realisa occupando os logares de honra. Sua Magestade entra na casa de jantar como no seu palacio».

O almirante convidou o imperador a ir no dia seguinte almoçar a bordo do *Superb* o que elle accetou e á hora determinada apresentava-se a bordo do navio almirante com os officiaes e damas da sua comitiva. Foi recebido com todas as attentões e honras devidas a um general commandante em chefe. Tomando como de costume o logar de honra pediu para que os officiaes lhe fossem apresentados; terminada esta apresentação pediu para visitar o navio. Durante esta visita fez muitas perguntas e observações technicas, mostrando o mais perfeito conhecimento do serviço naval.

Durante o almoço o almirante testemunhou a Napoleão o maior respeito. Notavam-se os ares alegres e descuidados d'alguns dos companheiros d'exilio do imperador; o tenente coronel Planat contrastava com a maioria pela sua tristeza; este official sentia-se em extremo commovido e algumas lagrimas lhe corriam ao longo das faces ao ver a situação do imperador, obrigado a cortejar os seus inimigos.

Depois do almoço Napoleão conversou com differentes grupos affectando um bom humor e uma alegria que impressionavam os assistentes. A 17 de julho o prefeito maritimo de Rochefort escrevia ao ministro da marinha:

«Tenho a honra de informar V. Ex.ª de que o navio de S. M. Britanica, a bordo do qual Napoleão Bonaparte embarcou a 15 de julho, se fez á vela para Inglaterra, hontem 16, á hora do meio dia.»

A travessia foi longa, as horas passavam lentas a bordo, e os passageiros, que não podiam suppor onde os conduzia o destino, phantasiavam a risonha e brilhante existencia que esperavam ter na Inglaterra. Napoleão para entreter o tempo lia muito. Mostrava-se muito tranquillo; parecia que depois de tanta agitação experimentava allivio e repouso na ociosidade forçada da viagem.

A imprensa franceza do tempo espalhava que durante a sua residencia no *Bellerophon* elle se deixava arrebatado por violentos accessos de mau humor, disparatando, deixando em todos a impressão d'um sujeito importuno e mal creado.

O capitão Maitland protestou contra esta asserção e insistiu muitas vezes no seu relatório de viagem sobre a correcta attitudde do proscripto. «Julgo dever declarar aqui e da maneira mais positiva que desde o momento da sua chegada a bordo do meu navio até ao momento em que o deixou, a sua conducta foi a d'um *gentleman*, não me recorde de que em nenhuma circumstancia elle tenha empregado expressões grosseiras, nem tenha commettido a mais pequena incivilidade.»

«Bonaparte, diz ainda Maitland, deve ter um

grande imperio sobre si mesmo, pois, embora homem algum fosse jamais submettido ás provas que elle teve de soffrer durante a sua residencia a bordo do *Bellerophon*, nunca em minha presença, nem com meu conhecimento elle deixou escapar qualquer expressão que denunciasse mau humor. Affectava pelo contrario uma graça e uma amabilidade que considerava um attributo da soberania á qual não queria renunciar».

No dia 23 de julho ao passar junto á costa nas paragens d'Ouessant, com um bello tempo, ficou na ponte grande parte da manhã, olhando enternecidamente para a França.

A 24 de julho entrava na bahia de Torbay. Durante o tempo que se demorou nas costas d'Inglaterra, e ao ter conhecimento da deshumana resolução que ia encadeial-o, qual outro Prometteu, ao rochedo de Santa Helena, contentou-se em protestar com uma magestade que asombrou os seus proprios inimigos.

A imprensa official franceza com a vulgar sabugice politica, regosijava-se com estes acontecimentos, e annunciava aos seus leitores as determinações do governo inglez; as grandes almas porem protestavam.

Chateaubriand, inimigo de Napoleão, diz nas suas *Memoires d'autre tombe*:

«Esta violação do direito das gentes e do respeito da hospitalidade era revoltante... Os inglezes deixando-se arrebatado por uma politica mesquinha e rancorosa, falhavam o seu ultimo triumpho... tornavam-lhe mais brilhante para a posteridade a corôa que julgavam ter-lhe arrebatado».

«O seu vulto augmentou no captiveiro com o medo enorme das potencias: em vão o Oceano o encadeava, a Europa armada acampava na margem com os olhos fitos no mar».

A 8 d'agosto o *Northumberland*, levando Napoleão a bordo, dirigia-se para Santa Helena.

«Adeus terra dos bravos! Adeus querida França! Alguns traidores de menos e tu serias ainda a grande nação, a senhora do mundo». Foram as suas palavras quando da Mancha avistou as costas de França pela ultima vez.

Na ilha d'Aix ficou um capitulo da sua lenda, e todos os que visitam aquellas paragens demoram a recordar-se os factos que a sua vista commemora.

A memoria de Napoleão, do homem que fez ondular ao sopro da gloria a bandeira da França pela Europa inteira, euche a pequena ilha, e em horas de desalento, piedosas peregrinações a esse santuario, consolam a alma franceza de tristezas do presente com as recordações de glorias do passado.

RIBEIRO ARTHUR.

Exercícios finais da Escola Pratica de Cavallaria em Torres Novas

Tiveram lugar este anno, no dia 27 de agosto, os ultimos exercicios da Escola Pratica de Cavallaria, em Torres Novas, na presença de S. M. El-Rei D. Carlos, e com a assistencia de grande concurso de espectadores da villa e suas cercanias, não inferior a 12:000 pessoas.

As corridas e saltos de obstaculos foram executados na perfeição, mostrando-se El-Rei muito satisfeito pelos bellos resultados dos exercicios.

Houve premios que foram disputados com grande brio, cabendo as honras, na 3.ª prova do campeonato de guerra, aos srs. alferes Ramos, Callado e Velloso.

Nas corridas para aspirantes ganharam o premio os srs. Constancio e Lobo.

No curso de aperfeiçoamento distinguuiu-se o sr. alferes Martins.

Nas corridas dos officiaes, distinguuiu-se em primeiro logar o sr. tenente Mendonça e em segundo o sr. Carvalho e Silva.

Nas corridas de campeões, teve o 1.º premio o sr. Carvalho e Silva, o 2.º sr. Constancio, o 3.º sr. Lobo e o 4.º sr. Sá Nogueira.

El-Rei foi quem distribuiu os premios.

As nossas gravuras reproduzem alguns instantaneos que foi possivel tirar.

A CIDADE DE MACAU

TREMORES DE TERRA

A cidade de Macau, bella possessão portugueza na Asia, é muito sujeita a tremores de terra, e as ultimas noticias referem que, a 24 e 25 de julho se sentiram ali varios abalos do solo, o primeiro dos quaes se deu ás 10 horas da noite de 24, re-

EXERCÍCIOS FINAIS DA ESCOLA PRÁTICA DE CAVALLARIA DE TORRES NOVAS



OS ALFERES CAMPOS E PEIXOTO — SALTOS DE BARRAS



ALFERES PEIXOTO — SALTO DE DUPLA BARRA

petindo-se durante o dia, com grande pavor dos habitantes da cidade e seus arredores. O maior de todos, porém, foi às 4 horas da madrugada do dia 25, precedido de grande ruído subterrâneo.

Não houve, felizmente, desastres pessoais a lamentar, mas houve bastantes prejuízos materiaes, como loiças, vidros e moveis partidos, sendo alguns objectos arremessados, de sobre as mezas, a grandes distancias pelos violentos abalos de terra.

Onde mais se sentiram os efeitos d'este phenomeno sismico foi na Praia Grande, que é a parte mais moderna e mais elegante da cidade, onde se encontram magnificas habitações á moda europea, sendo algumas grandiosas e de bom gosto, com galerias e jardins á frente.

Macau é das possessões portuguezas que não pezam sobre a metropole e antes dá saldos apreciaveis o seu orçamento, tendo-se desenvolvido com os proprios



O ASPIRANTE AZAMBUJA — SALTO DE VARA DUPLA

recursos, o que lhe tem permitido edificar bellos edificios como o palacio do governo, construcção antiga, que foi palacio dos barões do Cercal, tribunaes, theatro de D. Pedro V, hospitaes de S. Januario, S. Lazaro e de S. Raphael, paço episcopal, paços do concelho, Misericordia, templos, onde avulta o de S. Paulo, o do Seminario de S. José, etc.

A cidade de Macau e seus suburbios, como são Patene, Mongha, S. Lazaro, Tanque do Moinato, Barra, San-kin e Sacong, tem cerca de 700 vias publicas. A sua população é bastante numerosa, dividida entre a dos christãos e a dos chinezes, sendo comtudo esta ultima maior e que vive no arrebalde, denominado Basar.

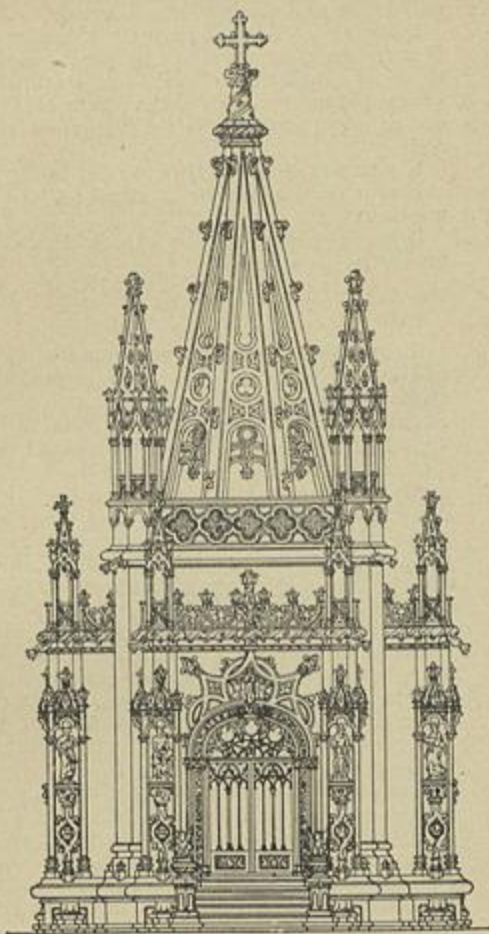
A população chinesa é a mais industrial e que mais alimenta o commercio de Macau. E' este commercio e o jogo as fontes mais importantes de receita d'esta possessão portugueza.



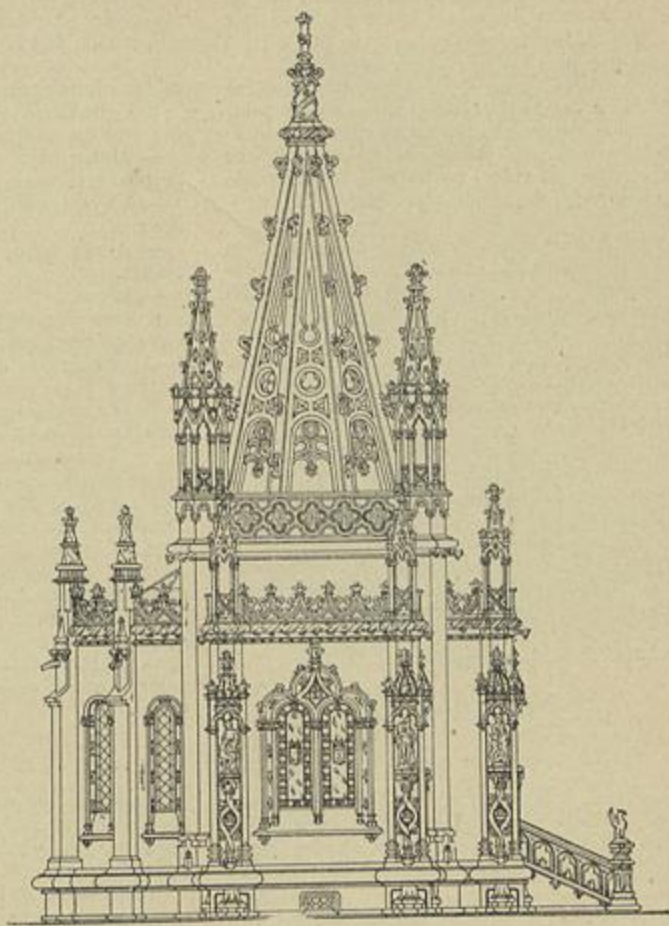
CIDADE DE MACAU, ONDE HOUE GRANDES TREMORES DE TERRA EM 24 E 25 DE JULHO DE 1905

Jazigo dos Bemfeitores da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

(Projecto do architecto sr. Adães Bermudes)



FACHADA PRINCIPAL



FACHADA LATERAL

Jazigo dos Bemfeitores da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

PROJECTO DO ARCHITECTO SR. ADÃES BERMUDES

Entendeu, e muito bem, a administração da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, mandar construir um jazigo para as pessoas que em seus testamentos deixam legados a esta pia instituição com o encargo de lhes dar sepultura.

Attendendo aos recursos de que dispõe a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, parece que de ha muito deveria ter-se lembrado de bem honrar a memoria d'aquelles que a contemplam com seus legados em beneficio dos pobres. Só agora, porem, é que o actual provedor sr. conselheiro Pereira de Miranda, se lembrou e pôz em pratica esta louvavel deliberação, que sendo um justo preito aos bemfeitores d'esta Casa, é tambem um incentivo para que outros se não esqueçam da pobreza que a Misericórdia soccorre.

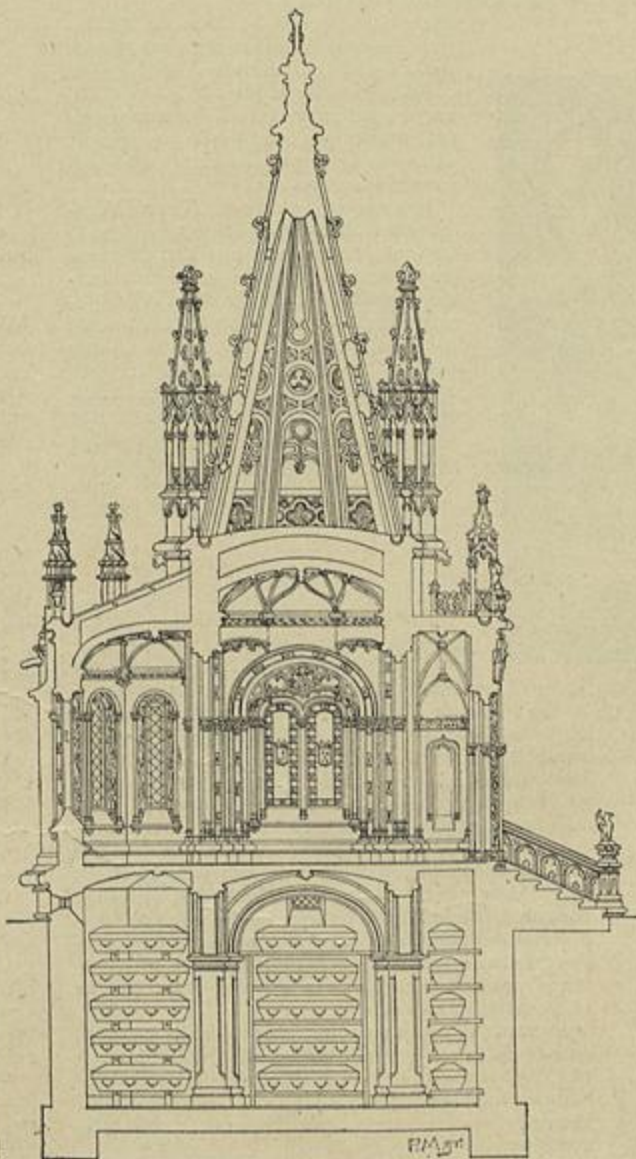
O Jazigo deve ser construido á entrada do Cemiterio Oriental em *pendant* com o do Visconde de Valmor, outra obra d'arte que ali está a concluir.

Não será inferior o que se vae construir a ajuisar pelos desenhos que apresentamos a nossos leitores e pela descripção que o nosso collega, *A Construção Moderna* faz do projecto, que, com a devida venia, transcrevemos:

«O projecto do Sr. Adães Bermudes, compõe-se de uma capella destinada aos exercicios religiosos e de uma crypta ou carneiro podendo conter cerca de 40 sarcophagos.

O architecto adoptou o estylo Manoelino, que se usava em Portugal por occasião da fundação das Misericórdias.

Esse estylo é empregado na sua primeira phase, que se não é a mais caracteristicamente nacional, é sem duvida a mais logica, correcta e pura sob o ponto de vista architectonico, tomada nesse admiravel periodo de transição gothico renascença, em que a architectura, conserva ainda as formas organicas e decorativas da idade media com a exclusão da ogiva, já completamente abandonada, mas sem enxertar ainda os elementos da renas-



CORTE LONGITUDINAL

cença classica que a breve trecho vieram tornar aquella nova forma artistica absolutamente espuria acabando com ella.

A crypta, cruciforme, forma quatro nichos onde são depositados os caixões como no centro, com excepção de um d'esses nichos onde se desenvolve uma escada helycoidal que dá accesso á crypta.

A capella ergue-se acima do solo sobre um estylobato onde se inscrevem as frestas que illuminam a crypta.

O accesso á capella faz-se por uma escada exterior.

A planta d'esta capella é igualmente cruciforme, tendo á frente um pequeno vestibulo ou *nartex* e ao fundo uma absidiola onde se encontra o altar. Em um dos braços do transepto aloja-se a escada interior que conduz á crypta.

A abobada da capella é toda em arzoaodos.

Exteriormente o projecto apresenta uma pittoresca silhueta formada pelo grupo de uma elegante agulha central transfurada rodeada pelas dos corucheus que rematam os quatro torreões d'angulo. Em um nivel inferior recortam-se ainda os corucheus e pinaculos que encinam os contrafortes dos cunhaes e da absidiola.

Ao centro do monumento, no remate da escada, ve-se a porta central fechada por uma grade de bronze, cercada de columnellos e de curvas entrelaçadas, com florões e cogulos, servindo de fecho da archivolta um baixo relevo representando Nossa Senhora das Misericórdias.

Nos topos dos transeptos rasgam-se duas caracteristicas janellas geminadas, com vitraes, tendo a absidiola cinco frestas mais simples.

Nos contrafortes da frente e dos lados correm columnellos com medalhões, formando peanhas a diversos grupos que representam as «obras de misericórdia», abrigando-se em nichos recobertos de baldaquinos.

Tanto os corpos da frente como os dos lados, terminam em terraço circundado por uma grilhagem ornamentada, que se repete na absidiola, e cortada a espaços pelos pinaculos e corucheus.

No terraço superior corre uma balaustrada quadrilobada interrompida pelos tor-

reões que preparam a passagem da planta rectangular para a base da agulha octogonal, que se segue a 13 metros de altura do solo, mas que sendo completamente vasada, será de um effeito leve, quasi aereo.

Na construcção d'este jazigo serão empregados calcareos de diversas procedencias, até hoje pouco conhecidos, e dos quaes o nosso prezado amigo e collaborador sr. Adães Bermudes espera tirar excellentes resultados, tanto sob o ponto de vista decorativo, como sob o ponto de vista economico.

Como os leitores vêem este jazigo é uma obra deveras interessante, e pena é que tão raras vezes se recorra aos artistas para a construcção d'estes monumentos, o que tem dado lugar á banalização dos nossos cemiterios, aliás tão graciosamente situados, nas nossas principaes cidades, e tão abundantemente revestidos de verdura e matizados de flores, que alguns, como este do Alto de S. João, chegam a ser verdadeiramente risinhos e a perder o aspecto de soturna tristeza que caracterizam muitos cemiterios estrangeiros. E no entanto, nos outros paizes, o culto dos mortos é indiscutivelmente, objecto de maior interesse e respeito do que entre nós, havendo em algumas cidades estrangeiras cemiterios que assombam pela magnificencia de seus monumentos de extraordinaria riqueza e bom gosto artistico.»

ABERTURA DA CAÇA

UM JUVENIL DEVOTO DE SANTO HUBERTO

Actualmente é o primeiro dia do mez de setembro o marcado para a abertura da caça. Com que anciedade o não esperam os senhores caçadores, que ora vêem mais restricto o periodo venatorio!

Antigamente a epoca do defeso interrompia-se de 15 de agosto ao final de fevereiro seguinte. Agora acha-se reduzida de 1 de setembro a 31 de janeiro, graças aos trabalhos que nesse sentido tem feito as diferentes entidades protectoras do defeso.



A nossa estampa reproduz uma photographia, tirada por occasião da recente abertura da caça, e representa um juvenil devoto de Santo Huberto, o menino Ollegario Augusto Sanha de Sousa Pimentel Botto, cujo entusiasmo se revela por todos os pormenores da arte cynegética. Eil-o com o Lord, o perdigueiro predilecto, contemplando como se fosse seu o trophéo da caçada alheia... porque elle por ora mal pode com a espingarda.

LITTERATURA RUSSIANA

O TENENTE JERGUNOFF

POR
IVAN TURGENJEW

XVI

No aposento de Madame Fritsche, não estava ninguém. Kusma Wassiljewitsch desceu para o piso inferior. Não lhe convinha encontrar a Emilia.

— Que é isso! já se vae embora, senhor tenente?

proferiu a matrona com a mesma amabilidade contrafeita.

— Não quer esperar pela Emilia? Kusma Wassiljewitsch pôs o bonné.

— Devo observar-lhe, minha estimavel senhora, que não posso esperar nem mais um instante.

— E é provavel, até, que não volte amanhã. Diga-lhe isto da minha parte.

— Muito bem, far-lho-ei presente. Espero que se não terá aborrecido, senhor tenente?

— Lá isso não, aborrecer-me é que eu me não aborreci.

— Ainda bem, ainda bem. Uma sua humilde criada.

— Adeus.

Kusma Wassiljewitsch voltou para casa, atirou consigo para cima da cama e entrou a parafuzar — Apoderara-se d'elle indisivel inquietação. «Que quererá dizer tudo aquillo. — exclamou por fim. — E por que é que lhe escreveria a Emilia? Convidavam-n'o para um rendez-vous e não apparecia! — ... Sacou outra vez do bilhete d'ella, abriu-o e aspirou-lhe o aroma; effectivamente, o bilhete trescalava a tabaco, e isto de si era já um tanto atrazador... e como a letra lhe pareceu contrafeita! E podia admitir-se, por ventura, que a dona da casa não soubesse coisa nenhuma? E ella... quem será ella? — Sim, quem será? Aquella feitiçeira da Colibrí, aquella «bonequinha», aquella pequerrucha não se lhe podia varrer da ideia, e aguardou impaciente a noite do dia immediato, se bem que o assustava e não pouco aquella «bonequinha».

XVII

No dia seguinte, Kusma Wassiljewitsch, depois de jantar, foi dar uma volta pela cidade, e depois de muito regatear, comprou uma cruzinha de ouro com a competente fita de velludo.

— Por mais que ella diga que não recebe presentes, monologou o nosso tenente; já sabemos o que valem semelhantes protestos; e em conclusão, se ella porfiar effectivamente em tão inacreditavel capricho, — lá está a Emilia que o ha-de aceitar de braços abertos.

E assim discorria o nosso D. Juan de Nikola-jeff. A's seis da tarde fez a barba com todo o esmero, mandou chamar um cabeleireiro de nomeada para o frizar e perfumar, tarefa de que o eximio artista se desempenhou a primôr, sem poupar o papel official, que empregava em papelotes.

Em seguida, envergou Kusma Wassiljewitsch um uniforme novinho do trinque, empunhou um par de luvas de camurça, burrifou-se com essencia e saiu de casa. Kusma Wassiljewitsch d'esta vez esmerára-se muito mais em cuidar da sua pessoa do que cuidaria se fosse a alguma entrevista com a bonequinha de alcorce, visto como a Colibrí lhe agradava muito mais que a Emilia, e tambem porque esta outra bonequinha tinha em si qualquer coisa de original que muito excitava a inerte fantasia do juvenil tenente.

XVIII

Madame Fritsche recebeu-o com a mesma amabilidade da vespera, e como que identificada com os interesses da communidade, foi tratando de lhe dizer que a Emilia tivera urgencia de sair e pedia-lhe que a esperasse, Kusma Wassiljewitsch inclinou-se, em signal de annuencia e sentou-se á mesa: Madame Fritsche tornou a sorrir-se, isto é, a exhibir a enorme e amarelada dentuça, e retirou-se, mas d'esta vez, sem lhe offerecer chocolate.

Kusma Wassiljewitsch tudo era olhar para a misteriosa porta. Permanecia fechada. Tossiu e tornou a tossir muito de rijo, como que para annunciar a sua presença... e a porta sempre immovel. Sustinha a respiração, apurava o ouvido... mas sem o mais tenue som; era como se tudo estivesse morto.

Kusma Wassiljewitsch levantou-se e acerrou-se da porta em bicos de pés... debalde tentou impurrá-la com os dedos, debalde bateu, debalde tentou meter-lhe o joelho... não se abriu. Debruçou-se e segredou por duas vezes com intimativa:

Colibrí, Colibrí — minha bonequinha — Resposta, quero que é d'ella!

Kusma Wassiljewitsch indireitou-se, entrou a compôr o uniforme, estacou por instantes, e de-

pois, em passos mais determinados, chegou á janéla e pôs-se a tamborilar nos vidros.

D'elle se apoderaram a ira e a indignação... O sentimento da sua honra militar irrompeu. «Se já se viu maior desatino! — pensou finalmente. «Para que me recebem então n'esta casa? «Visto que assim procede, levarei o caso á força de pulso!

E veremos se ha-de abrir ou não!»

E se a velha se zangar... deixá-lo. Não foi por minha culpa.

Disse, e firmou-se nos tacões decidido a... descerrou-se a porta.

XIX

Kusma Wassiljewitsch avançou — e d'esta vez não foi em bicos de pés — pela camarazinha secreta. Colibrí jazia sobre o sofá, vestida de branco, cingida com uma larga faixa vermelha, tapava-lhe a parte inferior do rosto um lenço, e ria-se á calada, mas com gosto. D'esta vez frisára o cabello; entrancara-o em duas longas tranças, entreticidas estas com fitas vermelhas; tal qual na vespera, calçara os çapatinhos vermelhos nos pésinhos terçados um por cima do outro; tinha, porém, os pés nus, e comtudo, á primeira vista, dir-se-ia calçar meia de seda escura.

A situação do sofá era differente da vespera; estava mais chegado á parede, e o nosso tenente viu sobre a mesa uma bandeja chinêsa com uma cafeteira barriguda e pintalgada, e um açucareiro cinzelado e chavenas de porcelana azul. Desapparecera a guitarra, e de um perfumadôr saíam espiraes de fumo azulado.

Kusma Wassiljewitsch acerrou-se do sofá e sentou-se a par de Colibrí.

Antes porém de que ella tivesse ensejo de emitir uma palavra, estendêra ella a mão, e sempre a rir, sem tirar o lenço da boca, enfiou-lhe aquelles dedinhos de aço pela grênha, desmanchando os frizados n'um abrir e fechar de olhos.

— Gabo-te a lembrança, exclamou Kusma Wassiljewitsch vivamente uzoado com acto de tanta cem-ceremonia.

— Sempre és muito atrevida!

Colibrí tirou o lenço da cara.

— Não estava bonito; assim, melhor.

Retraiu-se para um canto do sofá, e cruzou as pernas debaixo de si.

— Sente-se aqui...

Kusma sentou-se no logar indicado.

— Porque te affastas tanto de mim? proferiu, após breve silencio.

Estás mal commigo?

Colibrí encolheu-se toda, fazendo-se em um novêlo, e mirou-o de revez.

— Zangada — não — não estou.

— Não devias ser tão esquiua, proseguiu Kusma Wassiljewitsch, em tom conciliador. — Não te lembras do que hontem me prometeste? — E o meu beijo, quando vem?

Colibrí suspendeu um joelho nas mãos, encostou sobre elle a cabeça, e voltou a mirar o tenente.

— Lembro — lembro.

— Assim é que é bonito. E' preciso cumprir a palavra.

— Sim... sim, heide cumprir.

— Então... encetou Kusma Wassiljewitsch tentando acerçar-se mais,

Colibrí soltou as tranças que lhe haviam ficado entaladas debaixo do joelho, e bateu-lhe com uma dellas na mão.

— Não tenha pressa — senhor!

Kusma Wassiljewitsch estava perturbado.

— Que olhos que tem esta velhaca! murmurava para si. — Mas, não me dirás, para que é que me trouxeste para aqui?

Colibrí esticou o pescoço como um passaro... e fitou-lhe os olhos.

Kusma Wassiljewitsch estremeceu.

— A Emilia? perguntou, constrangida.

— Não.

— Então quem foi?

Colibrí encolheu os hombros.

Ouviste alguma coisa?

— Nada.

Com os mesmos movimentos de passaro. Colibrí retrahiua a cabecica oval, com a linda nuca e as curtas e emaranhadas madeixas voltando á altura do atado das tranças, e enroscou-se toda como um novêlo.

— Nada!

— Nada! repetiu Kusma Wassiljewitsch... Então, agora é a occasião.

O tenente voltou a estender a mão para a Colibrí, mas recolheu-a auto-continuo. Tinha uma gota de sangue em um dedo.

— Que quer dizer esta tollice? exclamou sacudindo a mão. — Outra vez essa maldita agu-

lha! Mas onde foste tu desencantar essa peste dessa agulha? exclamou, ao ver um dardozinho de ouro muito comprido, que a Colibrí tornou a enfiar na cinta.

— Mas isso que tu ahí tens é um punhal, um zaguncho... é um ferrão, e tu o que és, é uma vespa — sabes o que vem a ser uma vespa?

A Colibrí saboreou devéras a comparação do nosso tenente, ao que parecia, e prorompeu num froixo de riso, sonoro, mas sem ruído.

— Dou ferroadas... ferroadas, dou, sim.

Kusma Wassiljewitsch olhou para ella, e disse consigo: Ri-se, e sem embargo, aquelle semblante sempre triste, melancólico...

— Não queres ver isto que eu te trouxe? disse, de rijo.

— Que é?

— Kusma Wassiljewitsch sacou do bolso o presente e abanou-o no ar.

— Repara bem... é tão bonito pois não achas? Ella olhou, indifferente.

— Ora! Uma cruz! E' coisa de que não usamos.

— Ora essa, então vocês não usam cruzes?

Querem ver que me saes judia?

— Não usamos, não, repetiu a Colibrí, e lançando por cima do hombro um olhar furtivo para a parede.

— Quer que eu lhe cante alguma coisa? perguntou de chofre.

Kusma Wassiljewitsch tornou a guardar a cruz, e olhou em redor. Afigurou-se-lhe ter ouvido um leve ruído, por detrás da parede...

Que foi aquillo? perguntou sobresaltado.

— Algum rato, algum rato, accudiu apressada a Colibrí, e acto-contínuo, com aquellas mãositas tão macias e ageis agarrou a cabeça do tenente, e num relance pregou-lhe um beijo na ardente face... e elle, foi como se lhe houvessem chegado uma brasa.

Estreitou nos braços a Colibrí, ella porem, es-corregou-lhe por elles como uma cobra, — (aquelle corpinho offerencia ás mãos menos prêza que o de uma cobra) — e de um pulo, pôs-se a pé.

— Espera ahí — segredou — primeiro hasde tomar café.

— Café, para quê? deixa lá. — Isso, depois!

Depois, não, agóra. — Está quente... logo... frio.

Deitou a mão a ása da cafeteira, empinou-a e pôs-se a encher duas chavenas.

O café corria em fio, gróssio, igual. Colibrí inclinou a cabeça sobre o hombro e ficou-se a contemplar o liquido a cair na chavena.

— Vá, deita açúcar... bebe... eu, não bebo.

Kusma lançou uma pedra de açúcar dentro da chavena, e bebeu-o de um trágo. O café estava fortissimo, e amargava. Colibrí não despregava delle os olhos, afastando as narinas das bordas da chavena e rindo. Tornou a pôr a chavena, devagar, em cima da mēsa.

— Porque é que não bebes? perguntou Kusma Wassiljewitsch.

— Eu?... perguntou ella em tom muito arrastado.

Kusma Wassiljewitsch principiava a irritar-se.

— Vamos! Faze favor de te sentares aqui ao pé de mim!

— Já vou.

— Inclinou a cabeça, e sempre de olhos fitos em Kusma Wassiljewitsch, pegou na guitarra.

— Já vou. — Mas, primeiro, heide cantar.

— Pois sim, sim, mas senta-te.

— E dançar, também — Queres?

— Queres dançar? Está dito, não se me dá de te ver dançar. — Mas não podias guardar tudo isso para logo?

— Não, não, hade ser agora... Gosto tanto de ti?...

— Gostas de mim! Ah!... Em summa, faze o que quizeres. — Grandissimo diabrête, que é o que tu és.

(Continua)

M. MACEDO.

VIRGEM-NATUREZA

A João da Camara

«O corpo humano deve ser considerado como um templo dentro do qual e mister cuidar de tres altares sagrados:—o coração, para a imagem da humanidade; a alma, para a imagem da natureza, e o espirito para a imagem de Deus, tão bellamente reflectida no nosso entendimento».

MIGUEL D'ARRIAGA

Natureza! divinal cantôra da Unidade Suprêma, encantas-me e deslumbras-me em todos os teus quadros, com todas as tuas scēnas!

Presinto através das ondas atmosféricas impregnadas de teus aromas, o cio fecundante que faz manar profusamente de teus seios, sempre virgi-

naes, o leite da maternidade vivificadora e santa!

As aguas que te opulentam e reverdecem, as flôres que te matisam e engrinaldam, a luz que te banha e realça, constituem o gaze primoroso que te envolve, a esplendida harmonia inefavel no teu grandioso conjunto!

Magestosa em tuas vozes, soléne em teus ecos, recondita em teus arcanos, alguém te domina, fraco e atezado mas sedênte e imortal — o homem!

Este ser, formado de um germe microscópico no imo do mistério, esta dependencia especiosa, este corpo animado que qualquer infusorio envenena e quebranta, ousa tomar pôsse de teus tesouros, revolvêr as tuas entranhas, romper-te a dinamite, macular-te a seiva geradora e coroar-se á custa de tuas lagrimas!

Sim ó Natureza! tu choras e gemes também: nem sempre dás ao sol em troca de seus beijos ardentissimos e creadores a alegria dos teus sorrisos; nem sempre acompanhas sonora a ave canora nos idilios do ninho!

Identifica-se contigo, porém, a força prodijiosa que arma e defende o corpo humano, realmente assimilavel a um templo de tres altares: — coração, alma e espirito!

Vibrando consoante os teus efeitos, comoves-lhe o orgão do sentimento, alargas-lhe e apertas-lhe o ambito das facultades, inspiras-lhe ou enturvas-lhe a essencia imponderavel!

Virgem-natureza: a pureza alvissima que fulge na grimpada das tuas montanhas diademadas de neve, a branca espuma que resfolga e brinca no dorso da vaga, a gemma solitaria que o mineiro não descobre, tudo isto, que é limpido como a candidez da inocencia e fascinante como o busto da mulher amada, tudo isto que é o delirio do artista, o sonho do apostolo e a gloria dum Deus, toda esta musica de graças feiticeiras e de portentosas maravilhas, distrae o homem de suas maguas, suavisa-lhe as amarguras, desperta, provoca o scintillar do genio!

A propria noite velada por escuridão densissima, tornada ainda mais soturna e pavorosa pelo ronco do trovão, contribue a afinar o sentir da alma que encandêa a orquestra descompassada dos elementos em furia e alevanta a visão nitida e arrebatadora do bello horrivel!

Sublime, sublimissimo espetáculo ofereces no desencadear do vendaval e na violencia do raio, lascando arvores e estalando rochedos: quizer a Natureza, libertar-me do frajil corpo e dormir sonhando eternamente no berço que tu és, embalado pelas leis do Universo!

Suspensa qual mistica lampada em cathedra gigantesca, cercam-te multidões de mundos na esteira da infinidade globular, que mostra ao ser imperfeito em taes altares de luz viva e inexpugnavel a imagem simbolica do Ente increado.

Templo surpreendente na acção maxima do termo, templo augusto por excellencia onde só cabe e tem imperio a palavra do Infinito, templo onde se demudam em turibulo os tres a taes do corpo humano, onde coração e humanidade, alma e natureza, espirito e Deus, comungando nas mesmas verdades incensam os mesmos principios!

Quinta de Valle Flores, 16-6-905.

D. FRANCISCO DE NORONHA

OS CONTOS INFANTIS

DE

HANS CHRISTIANO ANDERSEN

D'entre os mais sympathicos contistas do Norte, destaca-se sem duvida a figura insinuante e boa do dinamarquez Hans Christian Andersen, um excellento amigo de Portugal e dos portuguezes, que durante algumas semanas se demorou entre nós, em 1866, na formosissima estancia dos arrabaldes de Setubal. Encantado, elle, que era, no dizer justo de um primoroso escriptor — «uma alma serena e equilibrada, um coração benevolo, cheio de intenções puras» — o escriptor singelo, ingenuo, popular, escrevia com o entusiasmo fremente ao nosso grande poeta Castilho, que encontrára alfin ao cabo da Europa, o *Paraiso Terreal*.

D'esse bom e sympathico velho, cuja obra litteraria é ainda, infelizmente, pouco conhecida em Portugal, dá hoje O OCCIDENTE o retrato; revê-se n'aquella physionomia de velho alegre, sorridente a alma simples e grande do contista das creanças e do povo. Algumas tentativas se teem feito no nosso mercado litterario para offerecer aos leitores portuguezes as obras-primas do escriptor dinamarquez. Na *Gazeta Setubalense*, se nos não falha a memoria, publicou em tempo o sr. Ga-

briel Pereira algumas versões dos contos de Andersen, e em volume colligiu também algumas d'essas bellezas litterarias.



HANS CHRISTIANO ANDERSEN

Recentemente sob o titulo de *Céu azul*, contos infantis, publicou o sr. Henrique Marques Junior um elegante voluminho que constitue o 6.º da *Bibliotheca das Creanças*, a que já com justo louvor nos temos referido, e no qual nos apresenta a versão de seis formosos contos de Andersen, fechando com o expressivo conto intitulado *Fato novo do gran-duque*, ao qual o nosso illustre homem de letras, sr. Ramalho Ortigão, deu em tempo nas *Farpas* uma tórma portugueza originalissima e soberba.



VISCONDE DE CASTILHO (JULIO)

Este louvavel emprehendimento do dedicado traductor mereceu uma bella *Introdução* do sr. Julio de Castilho, que torna ainda mais valioso este volume com algumas paginas altamente interessantes acerca do valor litterario d'este genero d'escriptos e muito especialmente, com respeito ao velho e veneravel Andersen — «poeta familiar que tanto agrada aos homens feitos como ás creanças, e tanto sabe entreter nas leituras á lareira como nos ocios estudiosos de uma livraria».

E rematando esta preciosa *Introdução*, encantadora de singeleza, como os proprios contos que elle prefacia, o sr. Julio de Castilho louva a sympathica iniciativa e o commettimento do moço traductor que — «regeitando por indole, educação e systema tantos outros livros de mau sabor, procura os do amavel dinamarquez e repete para os nossos ouvidos peninsulares as melodias saudosas e quasi infantis do honrado Andersen».

Na verdade, com mais este voluminho se enriqueceu a interessante colleção de livrinhos elegantes e elegantemente illustrados que o sr. Marques Junior — de quem damos o retrato bem como o do sr. Julio de Castilho — tem publicado sob o titulo geral muito suggestivo de — *Bibliotheca das Creanças* — e que é editada pela Livraria Moderna.



HENRIQUE MARQUES JUNIOR

Agosto-1905:

V. R.

NECROLOGIA

TENOR TAMAGNO

Era um artista lyrico de reputação universal e no nosso paiz não era menos conhecido, que nos grandes centros da civilização.

Lisboa conhecia-o desde 1879, em que pela primeira vez veio a *S. Carlos*, escripturado pela antiga empresa Freitas Brito & C.^{as}; não era ainda, porém, o grande artista que depois aureolou seu nome nas primeiras operas do mundo.

Francisco Tamagno, que falleceu no dia 31 de agosto, em Turim, sua terra natal, tinha uns 54 annos de idade, e nos principios de sua vida dedicou-se ao commercio com seu pae, mas a sua vocação para a musica levou-o ao Theatro Real onde era regente da orchestra o professor Pedrotti, que o metheu nos côros, onde esteve dois annos, ao fim dos quaes Pedrotti declarou a Tamagno que nunca passaria de corista.

A opinião do maestro era de peso, e Tamagno desistiu do theatro indo sentar praça n'um regimento, onde o commandante lhe permittiu que estudasse musica tambem.

Esse commandante, ouvindo a voz de Tamagno, pareceu-lhe estar ali um artista aproveitavel e protegeu-o de modo que, ao fim de dois annos, Tamagno dava baixa, e estreitava-se como comprimario na parte de Rabinoldo do *Roberto do Diabo* ao lado de Mongini.

Pedrotti enganara-se no juizo que fizera do seu discipulo. Tamagno proseguiu sua carreira e em 1873, no theatro *Bellini* de Palermo, al-



FRANCISCO TAMAGNO

NA SUA COROA D'ARTISTA «O OTELLO»

cançou o seu primeiro triumpho, na opera *Baile de Mascaras*, a que se seguiram muitos outros que o consagraram primeiro tenor e lhe deram fama na scena lyrica.

Quando na epoca lyrica de 1890 a 1891 voltou a *S. Carlos*, a sua reputação de tenor e de artista era consumada. N'essa epoca cantou o *Otello* de Verdi, o *Poliuto* de Donizetti e *Gli Ugonotts* de Meyerbeer. D'estas operas, porem, o *Otello* era a sua coroa de artista.

No livro *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*, diz o sr. Francisco da Fonseca Benevides, com a sua auctoridade de critico musical, o seguinte, a respeito d'este artista:

«O exito que Tamagno obteve no *Otello* no theatro de *S. Carlos* de Lisboa, não desmereceu da reputação que o acompanhava. Tamagno não só brilhava n'aquella opera, pelos recursos de sua immensa voz, mas cantava e representava de um modo surprehendente, sendo a sua interpretação primorosa, e estudada, nos mais pequenos detalhes, de canto, de gesto, e da acção. Era verdadeiramente sublime; a sua figura e estatura immensa, a potentosa voz de que dispunha, e o estudo que havia feito, ou do que lhe haviam ensinado, tudo concorria para a grandiosa interpretação da criação tragica do poeta inglez e do maestro italiano.

Nas outras operas, sem exceptuar o *Poliuto*, o grande tenor ficava muito abaixo do que se manifestava no *Otello* e fazia recordar o que era annos antes, quando pela primeira vez cantou em Lisboa, na epocha de 1879 a 1880».

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 444, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobílias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

Atelier Photo-Chimi-Graphico
P. MARINHO & C.^a

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephonico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras.—Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

NOVIDADE LITTERARIA

TERRA ALHEIA

CONTOS DE MAXIMO GORKI e DE DICKENS—EDGARD POÉ—MAUPASSANT DAUDET — ANNUNZIO — MALOT — ARIENE, ETC.

Traduzidos por Henrique Marques Junior
Prefacios de Brito Rebello e Albino Forjaz de SampaioUm elegante volume de bella leitura, illustrado com 24 retratos
300 réis, pelo correio 320 réis

À venda na Empresa do OCCIDENTE, Lisboa e nas livrarias



MAXIMO GORKI

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO
— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

ROBURINA

MEDICAMENTO PREPARADO POR

JAYME JOSÉ DA COSTA

Pharmaceutico pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Tonico, reconstituente do systema nervoso, hyperglobulico e alimento de reserva, etc.

Empregado com efficacia, no tratamento da debilidade geral, anemia chlorose, neurasthenia e convalescença das doenças, etc., conforme o provam os attestados dos principaes medicos da capital.

POSOLOGIA. — A *Roburina* toma-se dissolvida em agua. Na falta de indicação especial do clinico, 3 colhéres das de chá por dia, antes de cada refeição.

Preço do frasco 800 rs., pelo correio acresce o porte

PHARMACIA JAYME JOSÉ DA COSTA

115, 117, Rua de Andaluz, 119, 121

Telephone n. 1516

LISBOA

Almanach illustrado do OCCIDENTE

Para 1906

Sahe brevemente a publico este interessante annuario e desde já se recebem encomendas. A capa é uma bonita aguarella do sr. José Leite. Preço 200 réis, pelo correio 220 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE — LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA